

A ARTE DA XILOGRAVURA NO RIO GRANDE DO SUL E A SUA AFIRMAÇÃO COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA NO PERÍODO DA DÉCADA DE 1950 A 1970

Norberto Stori / Universidade Presbiteriana Mackenzie
Petra Sanchez Sanchez / Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar precursores e obras no processo de xilogravura no estado do Rio Grande do Sul – Brasil, no período das décadas de 1950 a 1970, que contribuíram e continuam a contribuir simultaneamente para o reconhecimento e a inclusão da gravura artística como uma significativa expressão na arte brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

arte da gravura; xilogravura; afirmação.

ABSTRACT

This work intends to present precursors and works who continue their activities in the process of engraving in the state of Rio Grande do Sul – Brazil, in the period of decades from 1950 to 1970, who have contributed and continue to contribute contemporaneously for recognition and inclusion of the artistic printmaking as a meaningful expression in Brazilian art.

KEYWORDS

art of engraving; woodcut; affirmation.

No Brasil, a gravura artística começou a ganhar o reconhecimento como arte maior na década de 1950, com os artistas gravadores precursores: Oswaldo Goeldi (1875–1961), Lívio Abramo (1903–1992), Axl Leckoschek (1889–1978), Lasar Segall (1891–1957) e Carlos Oswald (1882–1971), e com as premiações de artistas gravadores brasileiros nas primeiras bienais internacionais de arte em São Paulo. Outro fator importante para tal foi a chegada de artistas estrangeiros como o austríaco Axl Lesckoschek, Lasar Segall e outros que vieram da Europa, que com os seus cursos dos processos de gravação em xilogravura artística, formaram muitos artistas gravadores brasileiros.

Axl Lesckoschek, autor de xilogravuras principalmente de topo, chega ao Brasil no final de 1930. Ficou apenas oito anos, tempo suficiente para marcar e estimular profundamente o meio artístico na época. Foi professor de artistas que se transformaram em grandes gravadores como Fayga Ostrower (1920–2001), Edith Behring (1916) e Ivan Serpa (1923–1973).

As premiações dadas a artistas gravadores desde as Bienais de São Paulo foram os grandes estímulos para a afirmação da gravura artística entre nós; em 1951 com Oswaldo Goeldi, que recebeu o Prêmio Nacional, Lívio Abramo, em 1953, Marcelo Grassmann (1925–2013) em 1955 e Fayga Ostrower em 1957.

Mas o elemento preponderante para tal reconhecimento foi o Grupo de Bagé, que se formou na cidade de Bagé (RS), na década de 1940, por um grupo de artistas atuantes em Bagé e em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O nome nasceu Grupo de Bagé surgiu após uma exposição realizada em Porto Alegre em 1948, na galeria do Correio do Povo, tendo sido apresentados pelo crítico de arte Clóvis Assunção, que deu aos jovens artistas o nome de “Grupo de Bagé”, porque tal grupo foi formado por jovens artistas atuantes em Bagé/RS e em Porto Alegre/RS.

O Grupo de Bagé foi formado inicialmente pelo intelectual Pedro Wayne (s/d), Ernesto Wayne (1929–1997), Ernesto Costa (s/d), Jacy Maraschin (s/d), Deni Bonorino (s/d), Clóvis Chagas (s/d), Júlio Meireles (s/d) e Glauco Rodrigues (1929–2004), Glênio Biancheti (1928–2014), que entraram em contato com Carlos Scliar (1920–2001), Danúbio Gonçalves (1925) e o paulista José Morais (1921–2003). Sob a posterior liderança de Vasco Prado (1914–2009) e Carlos Scliar, que se

aglutinaram a Francisco Stockinger (1919–2009), Danúbio Gonçalves, Glênio Bianchetti, Glaco Rodrigues e Trindade Leal (1927–2013).

O Grupo de Bagé exerceu uma influência direta na formação do Clube de Gravura de Porto Alegre, que se formou sob a liderança de Vasco Prado (1914–1998) e Carlos Scliar aglutinados a Francisco Stockinger (1919–2009), Danúbio Gonçalves, Glênio Bianchetti, Glaco Rodrigues e Trindade Leal (1927–2013). O Clube de Gravura de Porto Alegre acabou estimulando o surgimento de vários outros grupos semelhantes pelo Brasil.

O Grupo de Bagé e o Clube de Gravura tinham como objetivo principal a figuração, a utilização da arte como um instrumento de valorização do homem e como um elemento capaz de aproximação e conscientização do público quase sempre tão distante das artes plásticas e dos acontecimentos artísticos de vanguarda daquele momento. Buscava como expressão a representação de uma realidade nova, própria, através da observação aguda, incisiva colocada no desenho e depois nas matrizes das gravuras tendo como estímulo a paisagem e os seus elementos, os tipos humanos com vestimentas a caráter nos seus afazeres diários em seus contextos, os elementos de usos e costumes do dia a dia, cenas do cotidiano. Tiveram como princípios estéticos, os do Realismo Socialista num estilo figurativo realista com certa influência expressionista. Optaram pela gravura, mais especificamente pela xilogravura e linoleogravura por serem os processos de divulgação mais democrática da arte, tanto pela sua reprodutibilidade como pelo preço acessível.

Tiveram como um dos principais objetivos a expressão de uma arte brasileira, começando pelos temas, em oposição e protesto contra as vanguardas internacionais, principalmente o Abstracionismo, apresentadas nas primeiras Bienais de São Paulo.

Tanto os quatro artistas, Danúbio, Scliar, Glauco e Glênio, como os demais membros do Clube da Gravura, a partir de 1950 foram para o interior do Rio Grande do Sul para conhecerem e vivenciarem de perto as realidades regionais, como o trabalho do homem no campo e nas minas de carvão, os trabalhos dos homens no campo e

até afazeres domésticos das mulheres. Chamavam a atenção também para a democratização da arte, pela possibilidade multiplicadora da gravura e pela capacidade imensa para a sua divulgação.

A criação do Grupo de Gravura para Marilene Burtet Pietá (1997) estava ligado a um projeto político específico, nascido pelo contato dos artistas gaúchos Carlos Scliar e Vasco Prado com Leopoldo Mendes, diretor do *Taller de Gráfica Popular* no México. Encontram-se pela primeira vez, em 1948, em Wroclaw, na Polônia, por ocasião do Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz e depois novamente em Paris.

Em 1953 o Clube da Gravura se consolida, com o lançamento da série “Xarqueadas”, tirado do título do livro de Pedro Wayne, são xilogravuras de madeira de topo de Danúbio Gonçalves, que foram consideradas o trabalho mais representativo de todo o evento.

Apresentamos alguns artistas gravadores representativos que colaboraram para a afirmação da gravura como um elemento expressivo nas artes visuais do Rio Grande do Sul e brasileira nas décadas de 1940 a 1970: João Faria Vianna, João Fahrion, Danúbio Gonçalves, Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues, Carlos Scliar, Vasco Prado, Edgar Koetz, Francisco Stockinger, Trindade Leal, Leo Dexheimer, Vera Chaves Barcelos, Anestor Tavares, Armando Almeida, Zorávia Bettiol, Henrique Fuhro.

João Faria Vianna (1905–1975)

Estudou no Instituto de Belas Artes onde foi aluno de Libindo Ferrás e Francis Pelichek, e também foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Além de trabalhar como ilustrador da Editora Globo, ministrou aulas de desenho e pintura. Obteve diversas premiações. Foi pintor, gravador e desenhista. A cidade de Porto Alegre era o tema constante em sua obra, onde focava os velhos casarões da região da colonização alemã (figura nº.1), formando um importante registro documental da arquitetura gaúcha. Produziu desenhos a bico de pena para ilustrar o livro *Imagens Sentimentais da Cidade*, de Athos Damasceno Ferreira.



João Faria Vianna (1905–975)
Xilogravura, 21 x 29 cm (edição 5/100), 1970

Danúbio Gonçalves (1925)

Fez a sua primeira exposição individual aos 19 anos de idade e aos 23 anos obteve dois prêmios importantes no 53º Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Danúbio Gonçalves participou da formação do Grupo de Bagé na década de 1940, na cidade de Bagé/RS. As experiências do grupo foram muito importantes para a divulgação da gravura artística brasileira, tanto no Brasil como no exterior. Danúbio participou do Grupo de Bagé que inicialmente foi formado por vários artistas, entre os quais citamos: Vasco Prado (1914–1998), Jacy Maraschin (s/d) e Ernesto Wayne (s/d) que, através do intelectual Pedro Wayne (s/d), entraram em contato com Carlos Scliar (1920–2001), e Jose Moraes (1921–2003), que se juntaram aos artistas Francisco Stockinger (1919–2009), Glênio Bianchetti (1928-2014), Glauco Rodrigues (1929–2006) e Trindade Leal (1927).

Danubio Gonçalves estudou xilogravura com o gravador e ilustrador austríaco Axl Leskoschek (Austria, 1889–1976) que viveu no Brasil no período de 1940 a 1948 e os processos da gravura em metal com Carlos Oswald em Florença (1882–1971). Em 1953 o Clube da Gravura se consolida, com o lançamento da série “Xarqueadas” (título do livro de Pedro Wayne), xilogravuras de madeira de topo de Danúbio Gonçalves, que foram consideradas o trabalho mais representativo de todo o evento.

Com a série “Mineiros de Butiá” de 1956 (figura nº.2), a cor começa a participar de suas xilogravuras, dá-se o início da consagração do artista como o maior gravador gaúcho e obviamente um dos mais importantes do país.



Danúbio Gonçalves (1925)
Morte do tocador de carro, 1956
Xilogravura da série *Mineiros de Butiá*, 20 x 26cm

Glênio Bianchetti (1928–2014)

Iniciou seus estudos artísticos na cidade natal de Bagé, na década de 1940, e depois ingressou no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, onde foi aluno de Iberê Camargo. Em 1951 suas obras começaram a ser reconhecidas pela crítica e pelo público, quando participou da fundação do Clube de Gravura de Bagé. Mudou-se para Brasília a convite de Darcy Ribeiro na década de 1960, para ajudar na criação da Universidade de Brasília. Foi responsável pela criação do Ateliê de Arte e do Setor Gráfico da Universidade, onde lecionou desenho e pintura até 1965, quando foi afastado pelo regime militar, retornando à UnB em 1988. Sua produção na década de 1950 é realizada principalmente em xilogravura e linoleogravura onde apresenta operários trabalhando em olarias (figura nº.3) ou meninos brincando, geralmente em espaços abertos. A partir da década de 1960, o artista trabalha principalmente com pintura e, no campo da gravura, com litografia e gravura em metal.



Glênio Bianchetti (1928–2014)
Olaria II
Xilogravura (período do Clube da Gravura)

Glauco Rodrigues (1929–2004)

Iniciou-se na pintura em 1945, e expôs pela primeira vez em 1948, na mostra Os Novos de Bagé, em Porto Alegre/RS, período que freqüentava a Escola de Belas-Artes de Porto Alegre. Logo depois se transferiu para o Rio de Janeiro para estudar na Escola Nacional de Belas Artes, e voltando a Porto Alegre, participou da criação do Clube de Gravura de Bagé e do Clube de Gravura de Porto Alegre (figura n.º. 4) juntamente com Carlos Scliar, Glênio Bianchetti, Danúbio Gonçalves e Vasco Prado. Obteve o prêmio de Viagem ao Exterior em 1960, no IX Salão Nacional de Arte Moderna, participou da Bienal de Paris em 1961 e, no ano seguinte, viajou para Roma, onde permaneceu até 1965. Realizou exposições individuais em Munique, Stuttgart e Frankfurt e em Roma, em 1963, expôs na Galeria d'Arte della Casa do Brasil e, em 1964, participou da XXXII Bienal de Veneza. Em 1967 foi premiado na IX Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Como desenhista, gravador e pintor teve em sua temática a presença do índio, do carnaval, do futebol, da paisagem tropical, dos frutos e do samba usando constantemente a cor verde e amarela e a bandeira brasileira.



Glauco Rodrigues (1929–2014)
Conferência Continental Americana pela Paz, 1952
Linóleogravura, do álbum *Gravuras Gaúchas*, 32,9 x 24 cm

Carlos Scliar (1920–2001)

Trabalhou em diversas áreas artísticas como: gravador, desenhista, pintor, ilustrador, cenógrafo, roteirista e designer gráfico. Foi muito atuante como artista no Brasil e nas principais cidades culturais de reconhecimento internacional. Com consciência política e como ativista social, engajou-se em vários movimentos, como o 1º Congresso da Juventude Democrática, na Tchecoslováquia e em manifestações brasileiras, produziu cartazes, ilustrou livros e revistas. Trabalho em pintura temáticas de natureza morta, paisagem urbana (figura nº.5) e natural. Participou da formação do Clube da Gravura de Porto Alegre e o Clube da Gravura de Bagé, juntamente com Glênio Bianchetti, Danúbio Gonçalves e Vasco Prado.



Carlos Scliar (1920–2001)
Bacia do Mercado, 1953
Gravura sobre linóleo

Vasco Prado (1914–1998)

Fundou nos anos de 1950 o Clube de Gravura (fig. 6), um dos marcos na história da arte do Rio Grande do Sul, com Danúbio Gonçalves, Carlos Scliar, Glênio Bianchetti e Glauco Rodrigues. Sua temática focava o cotidiano regionalista do homem em sua vida no campo. Desenvolveu trabalhos em escultura, desenho e gravura e foi professor de escultura e desenho em seus ateliês como também na Universidade de Caxias do Sul, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul e no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. É considerado como um dos escultores mais importantes do Brasil e certamente um dos mais influentes em sua terra natal, formando gerações de novos artistas. Como escultor, cujas obras apresentam resoluções sintéticas formais, tem trabalhos de grande porte como monumentos públicos com temas de figuras ilustres da história e da tradição gaúcha na cidade de Porto Alegre e em demais cidades do Rio Grande do Sul.

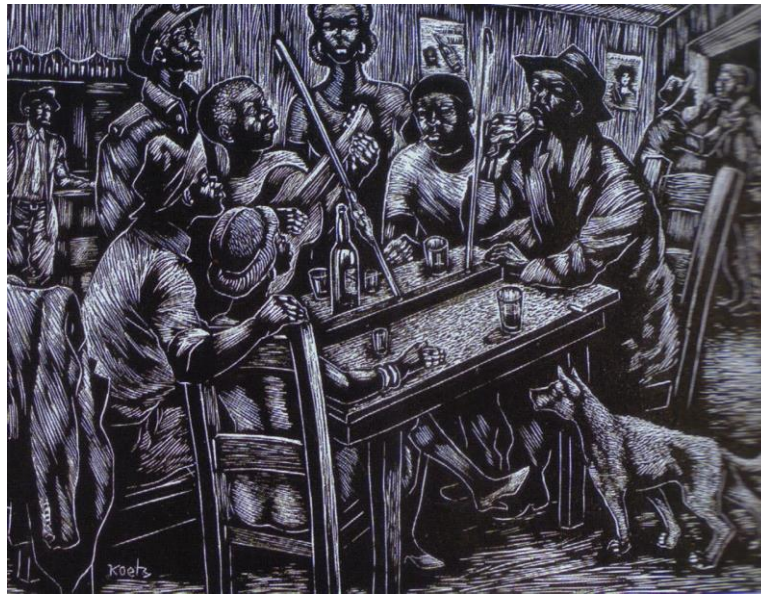


Vasco Prado (1914–1998)
Soldado morto, 1952
Linoleogravura, 24 x 29,9 cm

Edgar Koetz (1913 – 1969)

Desenhista, gravador, artista gráfico, ilustrador e pintor. Como desenhista gráfico e ilustrador trabalhou para a Editora Livraria do Globo, famosa por possuir uma seção de desenho dirigida pelo artista gráfico alemão Ernest Zeuner.

Participou da fundação da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em 1938; do Clube de Gravura de Porto Alegre (fig.6), em 1950; e do Clube de Gravura de Bagé, em 1952.



Edgar Koetz (1913–1969)
Os operários de Porto Alegre sempre souberam o sentido, s/d
Xilogravura

Francisco Alexandre Stockinger – Xico Stockinger (1919 – 2009)

Austríaco naturalizado brasileiro. Após sua participação com as suas xilogravuras no Grupo de Bagé (figura nº. 8), destacou-se como um dos principais escultores modernos do país. Sob a indicação do pintor Clóvis Graciano, em 1946, iniciou seus estudos em escultura, com Bruno Giorgi, em seu ateliê Rio de Janeiro. Conviveu também com Oswaldo Goeldi, Marcelo Grassmann e Maria Leontina. Em 1954, se transferiu para Porto Alegre/RS para trabalhar no jornal “A Hora” que estava no início da sua criação. Começou a sua carreira artística como gravador em xilogravura artística, fotógrafo, chargista, artista gráfico e gestor cultural. Foi paginador, caricaturista, ilustrador e cronista de humor, cuja coluna, "Diário de Porto Alegre", era feita a "quatro mãos" com o jornalista Josué Guimarães.



Francisco Stockinger (1919–2009)
Cena no Manguê
Xilogravura

Vera Chaves Barcelos (1938)

Estudou no Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nos anos 1960, complementou seus estudos em cursos de pintura, gravura (figura nº. 9) e desenho na Holanda e França. Voltando ao Brasil. Inicialmente trabalhou com as técnicas de gravura em metal no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Com uma bolsa do *British Council*, no início dos anos 1970, aprofundou seus conhecimentos em fotografia e técnicas gráficas no *Croydon College* em Londres. Passou a trabalhar com fotografia e em seguida com arte conceitual, misturando técnicas da xilogravura e da serigrafia a novas possibilidades de expressão. Em 1976, representou o Brasil na Bienal de Veneza com o trabalho "Testarte". Participou do grupo Nervo Óptico (1976–1978) e foi uma das fundadoras do centro de cultura alternativa Espaço N.O. (1979–1982) em Porto Alegre, que veio a se tornar referência nacional para a produção artística contemporânea, construindo e ajudando a divulgar manifestações artísticas em novas mídias. A partir dos anos 1980 produziu instalações multimídias, usando a fotografia manipulada, imagens computadorizadas, objetos, vídeo e vídeo-animação. Participou do *Mois de Photographie*' (Paris) e da *Bienal de Havana* em 1984, e por quatro vezes da Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Em 2004, Vera Chaves Barcellos instituiu em

Porto Alegre uma fundação cultural que leva seu nome, dedicada à difusão da arte contemporânea.



Vera Chaves Barcelos (1938)
Xilogravura colorida, 1964

Zoravia Bettiol (1935)

Graduou-se em pintura pelo Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. Com o escultor Vasco Prado, fez cursos de desenho e xilogravura em ateliê (figura nº.10). Dedicando-se à tapeçaria tece formas tridimensionais, ao designer de joias, à pintura, ao desenho e à gravura com temas populares, sendo as figuras dos Orixás um tema constante nas suas xilogravuras. Recebe o primeiro Prêmio de Desenho no 18º Salão Municipal de Belas-Artes de Belo Horizonte em 1962, o primeiro prêmio de gravura no 2º Salão de Arte Religiosa Brasileira de Londrina em 1966 e o Prêmio Nacional de Gravura na 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas de Salvador, em 1966, entre outros. Em 1968 muda-se para Varsóvia, na Polônia, para realização de estudos na área têxtil no Atelier Maria Laskiewicz, durante este período, cursa a Escola de Belas Artes de Varsóvia. De volta ao Brasil na década de 1970, participa de diversas exposições internacionais. Em 1985 recebe o Prêmio Medalha Cidade de Porto Alegre, por bons serviços prestados à comunidade, e em 1987 é homenageada com o troféu destaque em artes plásticas 87.



Zoravia Bettiol (1935)
Xilogravura colorida, 1972

Referências

COSTELLA, Antônio. *Introdução à Gravura e História da Xilogravura*. Campos de Jordão: Mantiqueira, 1984.

DANÚBIO GONÇALVES. *Museu de Arte do Rio Grande do Sul*. Ado Malagoli – MARSG. Porto Alegre, 2000.

D'HORTA, Arnaldo Pedroso. *Desenhos, Incisões, Xilogravuras*. São Paulo: Centro Cultural, s/d.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra – Introdução à bibliologia: a imagem gravada*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977...

GONÇALVES, Danúbio. *Catálogo de Exposição – Litografia*. De 17/Setembro a 1º de Outubro/1992. Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. RS.

_____. *Catálogo de Exposição Galeria Mosaico*. Porto Alegre. RS. Janeiro de 1990.

IMPRESSÕES Panorama da Xilogravura Brasileira. Santander Cultural. Porto Alegre, 2004.

LEITE, José Roberto Teixeira. *A Gravura Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1966.

PIETA, Marilene Burtet. Setembro/1996 in *Grupo de Bagé no Clube de Gravura Década de 50*. (Catalogo Caixa Econômica Federal, Porto Alegre, 1977).

RIVERA, Diego. Revista "Horizonte" – Porto Alegre- 1953, in catálogo Retrospectiva Xilogravuras. De 28 de Novembro a 11 de Dezembro de 1988.

ZANINI, Walter. *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

Norberto Stori

Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura do CCL/Universidade Presbiteriana Mackenzie. Livre Docente em Artes Visuais/IA-UNESP/SP. Mestre e Doutor/Universidade Presbiteriana Mackenzie/IA-UNESP. Artista plástico.

Petra Sanchez

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP) e especialista em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública (USP).